

Piotr Plisiecki
Arkadiusz M. Stasiak

**Estudos sobre
a cultura da Polônia antiga.
Do início da criação
de um Estado ao apogeu sármata**

Porto Alegre 2024

Editora Werset,
Universidade Católica João Paulo II de Lublin,
Centro João Paulo II de Estudos da Cultura Polonesa na Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Porto Alegre

Revisores:

Professora Aleksandra Piasecka-Till Universidade Federal do Paraná, Curitiba
Professor Israel Blajberg Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professor José Luis Orella Universidad CEU San Pablo en Madrid

Tradução: Katarzyna Rejter-Koba

Correção: Natalia Ines Klidzio

Redação: Arkadiusz M. Stasiak

Projeto gráfico: Werset

ISBN: 978-83-67064-54-5

Projeto financiado pela Agência Nacional de Intercâmbio Acadêmico (NAWA),
como parte do projeto Promoção da língua polonesa e da cultura polonesa
no Brasil, número do contrato BJP/PJP/2023/1/00025/U.

Projekt finansowany przez Narodową Agencję Wymiany Akademickiej (NAWA)
w ramach projektu „Promocja języka polskiego i kultury polskiej w Brazylii”
nr umowy BJP/PJP/2023/1/00025/U.



Editora Werset
Radziszewskiego 8/216, 20-031 Lublin
tel. +48 81 533 53 53; +48 501 061 226
www.werset.pl



Índice

Introdução 5

PIOTR PLISIECKI

Diversidade da cultura Polonesa 9

A fé na Polônia antiga 17

ARKADIUSZ M. STASIAK

A cultura renascentista 24

A cultura do barroco e o sarmatismo 29

Bibliografia 35



Introdução

Dedicado aos leitores brasileiros, especialmente aos estudantes do Centro João Paulo II de Estudos da Cultura Polonesa em Porto Alegre, o roteiro é baseado no livro *História da Polônia* publicado no ano passado. Foi elaborado para atender às necessidades do curso de história polonesa realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. As palestras foram ministradas no âmbito do projeto que administro: Promoção da língua polonesa e da cultura polonesa no Brasil, financiado pela Agência Nacional de Intercâmbio Acadêmico (NAWA). O projeto foi implementado pela Universidade Católica João Paulo II de Lublin e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

Em meados de março de 2024, tiveram início as aulas regulares para alunos da PUCRS. Uma parte do projeto liderado pelo Prof. Arkadiusz Stasiak, é um curso sistemático de polonês em tempo integral na Universidade de Porto Alegre, ministrado por Aleksandra Dyderska, em diversas aulas durante quatro meses. Bem como três séries de palestras acadêmicas, incluindo as estacionárias: linguística (Especificidade do polonês na língua e cultura conduzida pela Prof. Magdalena Smoleń-Wawrzusiszyn), histórica (*História da Polônia* preparada pelo Prof. Piotr Plisiecki, Prof. Arkadiusz Stasiak) e sociológica (*Cultura Polonesa de Sucesso* pelo Dr. Wojciech Wcisiel). Palestras e oficinas consistem em uma série de exercícios e discussões que visam consoli-

dar o conhecimento dos brasileiros sobre a Polônia e despertar o desejo de se interessarem por suas origens e possivelmente aprender a língua de seus antepassados. As aulas também serão conversacionais e práticas buscando pontos de contato entre a Polônia e o ambiente de vida dos brasileiros em um país com cultura, mentalidade e idioma diferentes. O programa de palestras também inclui temas relacionados às grandes personalidades polonesas (escritores, artistas, músicos, ganhadores do Prêmio Nobel e clérigos).

Graças à implementação do programa “Promoção da língua e cultura polonesa no Brasil”, será possível fortalecer a identidade polonesa e as conexões com a tradição, história e cultura polonesas entre a diáspora polonesa espalhada pelo Brasil. As atividades do Centro neste programa serão complexas. Em primeiro lugar, centrar-se-ão na realização de atividades educativas e de divulgação, bem como na organização de iniciativas culturais, incluindo investigação científica.

O público-alvo do projeto são estudantes da Universidade de Porto Alegre, jovens poloneses, bem como outros estudantes e jovens brasileiros com alguma ligação com a Polônia. Cabe ressaltar que Porto Alegre é um grande centro da diáspora polonesa, que, no entanto, perdeu o conhecimento nativo da língua com as gerações subsequentes (principalmente devido à antiga política das autoridades brasileiras). O polonês, como língua herdada, é actualmente utilizado por uma pequena parte da diáspora e em níveis de progresso muito diferentes. Os jovens, descendentes de poloneses, muitas vezes não falam polonês, embora muitos deles expressem a sua vontade de aprender a nossa língua e declarem vividamente o seu sentido de identidade nacional polonesa. Essas conexões com a nossa pátria ainda estão vivas e fortes entre a comunidade polonesa no Brasil mas não andam de mãos dadas com a oferta educacional que podem receber em sua cidade e na região do Rio Grande do Sul.

Como parte do projeto NAWA, na PUCRS foi preparada uma exposição dedicada à figura do Santo João Paulo II (“João Paulo II – Presente Polonês ao Mundo”), também concursos de poesia polonesa e de conhecimento sobre a Polônia.

Nosso trabalho para aumentar a presença da ciência e da cultura polonesa no Brasil começou há dois anos, em março de 2022, com

a visita do Reitor, Professor Mirosław Kalinowski, a Porto Alegre e Curitiba. Durante esse tempo, concluímos muitos projetos e atividades.

O ponto culminante da cooperação da KUL com o Brasil foi a criação do Centro João Paulo II de Estudos da Cultura Polonesa em Porto Alegre. Essa instituição internacional foi criada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e pela Universidade Católica João Paulo II de Lublin (KUL). O objetivo principal do projeto e, conseqüentemente, das atividades do Centro é promover e ensinar a língua polonesa, divulgar a história e a cultura polonesas no Brasil e garantir a herança cultural polonesa presente em muitos lugares deste país. Também é impossível ignorar a questão do apoio cultural, educacional e científico à grande comunidade polonesa no Brasil. A criação de tal Centro também é motivada pela necessidade de fortalecer as relações polônês-brasileiras e de promover um conhecimento confiável sobre a Polônia no contexto da história e da civilização de outros países europeus em toda a América do Sul.

Na fase inicial de funcionamento do Centro, foi implementado o projeto História da Polônia para a comunidade polonesa no Brasil. Financiado pela Chancelaria do Primeiro Ministro da República da Polônia. O seu objectivo era preparar uma síntese da história polonesa, com a ênfase particular na sua cultura. A obra foi elaborada por historiadores poloneses, mas apresenta a história da Polônia sob a perspectiva da comunidade polonesa no Brasil. Essa é a primeira tentativa deste tipo de apresentar a história polonesa para que chegue a um público estrangeiro. Isso foi possível graças à cooperação constante (em todas as etapas da criação do livro) da equipe polonesa com a comunidade polonesa no Brasil, cientistas do Brasil e diplomatas poloneses trabalhando no Brasil. A obra foi traduzida para o português brasileiro. O livro foi distribuído por uma rede de organizações polonesas no Brasil e universidades brasileiras que cooperaram com a KUL. A promoção foi apoiada por uma série de palestras sobre a história polonesa realizadas em centros e universidades da diáspora polonesa no Brasil.

Em novembro e dezembro de 2023, implementamos no Brasil o projeto do Ministério das Relações Exteriores da Polônia “Uma série

de oficinas históricas baseadas no livro didático História da Polônia preparado para destinatários no Brasil”. O centro também esteve envolvido no programa de proteção, inventário e digitalização de documentos poloneses (*poloniki*), bem como na organização de cursos de língua e cultura polonesas no Brasil.

A contribuição do Centro João Paulo II de Estudos da Cultura Polonesa em Porto Alegre na difusão da cultura polonesa no Brasil é reconhecível e significativo não apenas na Polônia e no Brasil.

Arkadiusz M. Stasiak

Porto Alegre 16 de março de 2024

Diversidade da cultura Polonesa

Existe uma cultura medieval polonesa? Ou será que o que estamos estudando em relação ao período do século X ao XV é apenas a cultura medieval na Polônia? Da mesma forma, também podemos perguntar se existe uma cultura polonesa? Será que os poloneses criavam a sua própria cultura, ou transferiam para a sua terra as soluções e ideias que lhes pareciam melhores? Estas são as perguntas que fazemos constantemente quando tentamos descrever todos (ou pelo menos um esboço de todos) os esforços dos nossos antepassados que viveram nesse período. De modo geral, o conceito de cultura será entendido aqui como todas as manifestações de atividade, tanto espiritual quanto material, que modificam a forma existente do mundo e visam sua compreensão e embelezamento. Portanto, a soma de todas as atividades daquelas pessoas que viveram na Polônia séculos atrás. E aqui, é claro, encontramos outro problema. Mesmo dando uma olhada superficial no mapa, veremos que durante os séculos da sua existência (incluindo o tempo presente, consideramos que o país polonês existe há pouco mais de mil anos), nosso país mudou significativamente de tamanho. Uma vez foi espremido e colocado entre os rios Bug e Odra, com o “nervo” central que é o Vístula junto com os seus afluentes, exatamente assim como está no mapa moderno da Europa. Às vezes, constituía uma ampla faixa de terra que se estendia do noroeste (com a cabeça nos arredores do mar Báltico) até ao sudeste,

apoiada pelas pernas no arco dos montes Cárpatos. Em outro momento, já a partir do século XV e depois, até a quebra do funcionamento do estado polonês no final do século XVIII, o Reino da Polônia, semelhante a uma copa de uma árvore gigante, se espalhava amplamente, cobrindo quase toda a Europa Central e Leste com sua influência. Um reino comumente conhecido como católico, com as suas próprias dinastias reais, a sua própria língua polonesa, a moeda polonesa, os tribunais, as universidades e a tradição. Foi chamado de *Rzeczpospolita*, ou seja, o bem comum das pessoas que vivem nela. No entanto, a história nos ensina que muitas das nações que uma vez formavam a *Rzeczpospolita*, mais tarde seguiram seu próprio caminho e criaram os seus próprios estados. Então, talvez devamos identificar a cultura polonesa e limitá-la apenas a um território político específico?

Será que apenas quando estamos diante da pintura mais importante da Polônia, a imagem da Santíssima Virgem Maria guardada no coração da Polônia, no mosteiro dos Padres Paulinos em *Jasna Góra*, ou quando ouvimos o hino polonês “Masurca de Dąbrowski”, ou talvez apenas quando olhamos para as pinturas monumentais de Jan Matejko (1838-1893), o maior pintor histórico polonês, talvez só então possamos falar sobre a cultura polonesa? Ou quando recordamos o martírio da morte do primeiro e principal padroeiro da Polônia, Santo Adalberto (Wojciech em polonês †997), ou quando nos maravilhamos com a magnífica vitória que o nosso rei Ladislau Jagelão (†1434) obteve na Batalha de Grunwald em 1410 sobre os cavaleiros alemães (Cavaleiros Teutônicos), ou quando estamos comovidos pelo bater de asas dos hussardos, ou seja, cavaleiros poloneses do século XVII que atavam asas às suas armaduras, por exemplo, quando derrotavam os exércitos de nossos inimigos e, em 1683 libertavam Viena do cerco turco ou muçulmano? Talvez só então tenhamos o direito de falar sobre a história polonesa, a cultura polonesa e a tradição polonesa?

A história é uma professora paciente, mas também surpreendente. Se olharmos atentamente para os mencionados heróis e figuras de nosso passado polonês, aprenderemos coisas interessantes. A imagem da Santíssima Virgem Maria de *Jasna Góra* é um ícone de origem leste, bizantina, ou seja ortodoxa. O “coração da Polônia”, ou seja, o mosteiro de *Jasna Góra*, foi fundado por frades vindos da Hungria,

Jan Henryk Dąbrowski (1755-1818) o fundador das legiões polonesas e protagonista do hino nacional polonês, embora fosse polonês, conhecia muito mal o polonês e preferia falar alemão. Para ir mais longe: Santo Adalberto era tcheco (e provavelmente nunca falou polonês), o maior pintor polonês Jan Matejko também veio duma família com raízes tchecas, o rei Ladislau Jagelão era lituano e a ideia dos hussardos foi trazida no século XVI por sérvios cavaleiros que buscaram refúgio na Polônia. Então, como é que mesmo as figuras acima referidas, que associamos como pilares da nossa história e cultura, ou lugares e monumentos, não tinham raízes polonesas ou nem sequer eram polonesas? A avaliação da cultura cotidiana pode se revelar tão ruim como assim chamada a cultura alta, como é no caso do chamado traje nacional polonês (composto principalmente por elementos húngaros e turcos) ou a chamada culinária polonesa, repleta de influências estrangeiras (tanto orientais, ocidentais e orientais – judaicas).

E, mesmo assim, queremos teimosamente falar sobre a cultura polonesa e a tradição polonesa. Os nossos mestres (também os que estão dentro dos muros da Universidade Católica de Lublin) mostraram-nos que a cultura polonesa não é apenas a terra polonesa, o catolicismo ou as pessoas que vivem na bacia da “rainha dos rios poloneses”, ou seja, o Vístula (correndo pelo caminho dos Beskids da Silésia, onde os protestantes poloneses vivem há séculos). As pesquisas antropológicas ou arqueológicas nos mostraram claramente que os nossos ancestrais, os criadores da antiga cultura polonesa, diferiam de nós em termos de origem, aparência ou preferências (e até religião). E, no entanto, hoje vemos os nossos predecessores neles. Os sobrenomes atuais dos habitantes contemporâneos da Polônia escondem muitos segredos de origens distantes e vestígios de tradições distantes. Afinal, eles são poloneses há séculos e criam a cultura polonesa, embora já tenham vindo da Rússia, Lituânia, França, Alemanha, Turquia, Rússia ou mesmo de tribos tártaras. A chave para entender o problema da cultura polonesa é a sua diversidade e os seus contrastes, mas também a sua gênese específica. Com a exceção da dolorosa experiência a que a Polônia foi submetida durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o período pós-guerra estritamente relacionado (até 1989), o nosso país nunca foi um país nacionalmente único.

Desde a mais remota Idade Média, não só judeus, rutenos e alemães encontraram abrigo e um lar neste território, mas também valões, franceses, escoceses, italianos, armênios, gregos, turcos e até tártaros muçulmanos. Provavelmente, não foi por acaso que o primeiro santo, o patrono da Polônia, foi o já mencionado beneditino tcheco (educado na cultura alemã) Santo Adalberto. O segundo “santo polonês” foi um alemão, Bruno de Querfurt (†1009), também monge beneditino, de família de cavaleiros saxões e, os seguintes, foram os Cinco Irmãos Mártires, sendo os primeiros, Bento e João (ambos martirizados em 1003), eremitas que vinham da ermida de S. Romuald em Pereum, Itália. Na verdade, deve-se considerar uma espécie de sorte que três habitantes locais (os vemos como poloneses) conseguissem juntar-se a eles antes do martírio: Mateusz, Izaak e o cozinheiro Krystyn (os nomes bastante religiosos). Como se pode observar, esta “primeira” Polônia, um estado recém-nascido – porque como o começo tomamos o batismo da Polônia, provavelmente em 966 – foi cocriado por representantes de muitas nações e culturas. Naquela época, o estado polonês nos parecia mais uma espécie de projeto político e cultural do que um estado étnico homogêneo, jogando todos os estrangeiros fora da sua estrutura. Um exemplo particular aqui seria o já mencionado alemão, Santo Bruno de Querfurt, que encontrou a sua casa na Polônia. Quando o rei alemão invadiu o território polonês (a guerra durou de 1004 a 1018), Bruno escreveu ao “seu rei” uma carta cheia de sentimentos sinceros, na qual explicava em detalhes por que nessa guerra ele estava do lado polonês, que ele acreditava que era o lado certo... A Polônia tornou-se assim uma espécie de proposta política e cultural atraente mas também importante, o que, ao que parece, valeu a pena! Não foi diferente muitos séculos depois, quando na alta Idade Média (nos séculos XIV e XV) se aceitou a origem estrangeira dos reis poloneses – desde que concordassem em cocriar com cavaleiros poloneses e pessoas da Igreja, ou seja, a elite polonesa (que então incluía representantes das cidades) o reino polonês, ou seja, o bem comum polonês – mais tarde a *Rzeczpospolita* (República da Polônia). Entre eles estava também o já mencionado príncipe lituano, Jagelão, que, após ser batizado (foi batizado com o nome de Ladislau), renunciou aos seus antigos pecados e crimes (anteriormente havia invadido

a Polônia à força), aceitou as regras que regem a Polônia e, em 1386, foi coroado rei. No entanto, o Reino da Polônia não se tornou a sua propriedade, mesmo após a sua coroação. Os reis poloneses, a partir da segunda metade do século XIV, não eram mais os donos do seu reino. Pode-se dizer que eles eram apenas “portadores da coroa polonesa” ou os seus “guardiões”. O estado pertencia à cavalaria polonesa, uma elite que jurava defender suas fronteiras, segurança interna e prosperidade. É deles que surgiria o parlamento polonês no final do século XV, e são eles que elaborariam as regras da democracia da nobreza no século XVI – outro projeto político multicultural e multirreligioso chamado Polônia.

Assim resulta que a Polônia ou o estado polonês não era apenas um espaço para viver (no sentido geográfico). Foi também uma soma de certas expectativas e experiências. Uma delas, certamente, foi o desejo de liberdade, tanto política quanto religiosa. Esse desejo de liberdade se expressava obstinadamente no enfraquecimento constante do governo real (autoridade central) e no fortalecimento do poder local, ao mesmo tempo em que havia um grande respeito pela dignidade real. Outro elemento que moldou a história polonesa foi a consciência de um dever e responsabilidade comuns pelo destino da sua família e amigos. Isso, por sua vez, resultou em fortes laços regionais e sociais (dentro de grupos sociais ou profissionais). Outra coisa importante que compôs a cultura e a história polonesas foi o respeito; profundo respeito pelos demais coabitantes e, principalmente, pelos hóspedes que chegam à nossa casa – o que ainda hoje se expressa no provérbio “Hóspede em casa – Deus em casa”. Esses hóspedes sempre podiam manter as suas tradições, língua, religião e costumes, bem como o direito de usar os seus próprios nomes, apelidos ou alcunhas. Um grande número de habitantes poloneses foi nomeado oficialmente apenas pelas autoridades dos poderes de partição, ou seja, os invasores na virada dos séculos XVIII e XIX (para as autoridades polonesas isso não lhes parecia necessário, e as autoridades de partição viram nesta falta de sobrenomes um traço dum terrível atraso). Ainda outra característica não menos importante da cultura polonesa, ou do modo de vida polonês, era a profunda convicção de que é sempre mais importante “ser” do que “ter”. Talvez deva ser visto como



Ilustração do *Codex aureus Gnesnensis*: Nascimento do Cristo, séc. XI, (fot. P. Plisiecki).

um resquício da chamada cultura da pequena nobreza (em que um nobre pobre, quase descalço, era mais importante do que um camponês rico), mas o poder da sua influência se estendia amplamente, a todos os grupos sociais. Curiosamente, objetivamente falando, no período medieval, o maior desenvolvimento em termos de economia, ou em termos de florescimento da cultura material, a Polônia experimentou em tempos de dependência política dos seus vizinhos não necessariamente queridos. Quando, após anos de luta com o Império Alemão, o Príncipe Ladislau I Hermano da Polônia (†1102) deixou de competir e casou-se com uma princesa da Boêmia (na época, a Boêmia era um baluarte cultural e político da Alemanha) e, posteriormente, promovido, com a filha do Imperador alemão Henrique III, um fluxo de grandes obras de arte fluiu para a Polônia (provavelmente então adquirimos os maiores monumentos da arte da iluminação contidos em manuscritos, ou seja, o chamado *Złoty Kodeks*

Gnieźnieński (lat. *Codex aureus Gnesnensis*), *Ewangeliarz Emmeramski* e *Kodeks Pułtuski*).

Os tempos deste monarca datam não apenas do início da dotação do capítulo e da catedral em Cracóvia, mas também da construção do impressionante edifício românico deste templo e duma série de outras igrejas menores na Polónia. No entanto, os tempos desse monarca econômico nunca foram descritos como prósperos. Ao contrário, uma geração depois, o seu reinado foi chamado de lento, fracassado, enquanto o príncipe era frequentemente retratado como velho, doen-

te nas pernas e enfermo. Foi semelhante com o rei tcheco Wenceslaus (†1305), que, tendo assumido o poder na Polônia pela força das armas, iniciou o processo de reconstrução da arruinada economia polonesa. Seu governo nunca teve o reconhecimento polonês, embora ele tivesse libertado as rotas comerciais polonesas de bandidos, melhorado as finanças polonesas (introduzindo uma nova moeda na Polônia: *grosz*; a República Tcheca usava as suas próprias minas de prata, o que aumentou significativamente o seu status financeiro), fortaleceu o poder central e, provavelmente, concedeu direitos de cidade a várias cidades. Os poloneses sempre preferiram governantes orgulhosos, bravos e corajosos, mesmo que fossem emprestados de vizinhos ou mesmo vivendo temporariamente com um grupo de apoiadores em cavernas perto de Cracóvia (como o famoso rival do mencionado Wenceslaus, mais tarde rei da Polônia, Ladislau chamado Łokietek, †1333).

A história ensina que a Polônia sempre diferia muito da Alemanha ou da Áustria, era diferente de Moscou ou da Rússia, também era fácil distingui-la da Turquia. Não foi um efeito temporário da situação política ou um subproduto dos movimentos de outros impérios. A Polônia e os seus habitantes tinham suas próprias opiniões sobre o sistema, religião, sociedade e política externa. Criavam a sua própria história e a sua própria tradição (hoje com mais de mil anos), para a qual convidavam honestamente a todos, independentemente da sua proveniência, todos os que apenas decidiram aceitar este difícil desafio, que era a realização da ideia da política, religião e do pensamento cultural poloneses. Portanto, a cultura e a história polonesas foram e são criadas por aqueles que se identificam com este grande empreendimento, este grande projeto histórico que é o estado polonês, tanto na pequena escala local como na grande escala nacional. É criado por aqueles que encontraram a sua casa aqui, que não fogem pela própria vontade para além das fronteiras do poder polonês, que simplesmente querem e estão prontos para cocriar esta grande e difícil tarefa, que se expressava na existência do estado polonês e na preservação do pensamento cultural polonês. Mesmo que não fossem católicos, que não tivessem raízes polonesas, mesmo que falassem mal o polonês... Assim, por exemplo, como um dos maiores reis polo-

neses, já mencionado várias vezes Ladislau Jagelão. Ou a sua esposa, no início rainha da Polônia e depois santa, Edviges de Anjou (na Polônia chamada Edviges de Anjou ou da Hungria, †1399), criada na corte húngara, no espírito da cultura francesa e alemã.

Como tentamos mostrar até agora, o reino medieval da Polônia (bem como todas as suas formas posteriores), em termos políticos, foi o resultado dum acordo interno específico celebrado principalmente entre membros da elite do estado, representados por cavaleiros (mais tarde nobreza). A cavalaria na Polônia representava um pouco mais de 10% da população total e era o grupo social mais forte. Hoje, só podemos lamentar que os outros habitantes do país não tivessem sido cooptados para este acordo, em especial, os camponeses (ou seja, agricultores que viviam do cultivo de terras pertencentes, principalmente, a cavaleiros ou representantes da Igreja) ou cidadãos. Cabe mencionar que à atenção aos que, trabalhando no campo, alimentavam quase todos os habitantes do país com os frutos do seu trabalho e constituíam cerca de 80% dos seus habitantes, havia de esperar até à Constituição de 3 de Maio de 1791, e, na verdade, apenas até as reformas dos séculos XIX e XX. No entanto, se quisermos conhecer os segredos da cultura polonesa pelo menos superficialmente, temos ainda de considerar outra questão não menos difícil: a especificidade da religiosidade polonesa.

A fé na Polônia antiga

Assim como o sistema polonês mencionado acima foi o resultado de uma espécie de acordo, também a religiosidade polonesa, especialmente a popular, acabou sendo o resultado de um compromisso difícil e secular. Hoje, tal opinião causa uma certa surpresa entre nós, especialmente, quando lembramos o secular e tradicional apego da sociedade polonesa à Igreja Católica, que é excepcionalmente forte, principalmente, na comunidade rural. Afinal, esta área ainda constitui uma espécie de reserva natural da religiosidade polonesa, a tradicional e a ritual, que sempre foi alcançada em tempos difíceis e com a qual a Igreja polonesa sempre pôde contar. Basta dizer que foi a mesma religiosidade na edição popular que se tornou uma espécie de arca, na qual a Igreja na Polônia navegou com segurança e sucesso no difícil período das reformas do século XX, iniciadas pelo Concílio Vaticano II. A experiência popular da fé tornou-se então uma das características da Igreja polonesa. Ao mesmo tempo, fez do campo polonês, tradicional e fiel, um guardião oficioso da fé na Polônia, que não foi derrotado nem mesmo pelas aspirações ateístas das comunidades metropolitanas, baionetas ou tanques da ocupação soviética. No entanto, foi um longo e difícil caminho até esta fase. Antes que o povo polonês começasse a compor e cantar as suas canções de Natal (chamadas de canções natalinas na Polónia), nas quais, além de muitos elementos caseiros e simples, também incluíam uma profunda mensagem



Uma igreja de tijolos do início da Idade Média (reconstrução parcial): Giecz, séc. XII, (fot. P. Plisiecki).

teológica e dogmática (que foi frequentemente enfatizada pelo Papa João Paulo II nas suas homilias), ele teve que lidar com a antiga herança religiosa pagã. Hoje é difícil dizer se o campo polonês se tornou totalmente cristão já no final da Idade Média, quando notamos que as crianças começaram a receber nomes cristãos em vez dos tradicionais, ou se isso aconteceu muito mais tarde. De qualquer modo, o doloroso processo de conciliação dos dogmas do cristianismo com os princípios da fé pagã teve de ser encerrado. E o caminho até lá não foi nada fácil. Como já foi mencionado, o cristianismo foi introduzido institucionalmente nas terras polonesas pelo primeiro conhecido por nós príncipe da dinastia Piast, Mieszko I (†992). Já não somos mais capazes de determinar como era o processo de introdução da nova fé, iniciado pelo batismo do monarca provavelmente em 966, mas, ao contrário das opiniões comumente aceitas, não necessariamente precisava ser um processo pacífico e gentil. Cerca de três ou quatro

gerações depois, na Polônia houve uma revolta perigosa contra a estrutura do Estado e contra a Igreja. Também neste caso, não sabemos os detalhes nem os motivos diretos, mas os cronistas registram que, por volta de 1038, as igrejas foram demolidas e os clérigos foram matados por apedrejamento. Em outras palavras, a primeira Igreja na Polônia sofreu uma derrota severa.

A segunda cristianização do país, ocorrida na segunda metade do século XI, provavelmente, teve outro aspecto (notamos uma maior participação dos beneditinos). Há também uma mudança significativa na hierarquia dos distritos da administração estadual. As áreas que antes irradiavam o espírito cristão (Grande Polônia) ficaram em segundo plano, e o centro da Igreja polonesa era ocupado pelos centros de Cracóvia na Pequena Polônia e, curiosamente, na Mazóvia, ou seja, na parte oriental da país, onde os habitantes se resistiam durante mais tempo à restauração do estado anterior e da ordem da igreja. Parece que o tom na discussão entre a elite cristã e o mundo pagão do povo polonês se suavizou um pouco. Provavelmente foi então que, em maior escala, na Polônia começaram as fundações de igrejas em locais indicados pelos próprios habitantes como importantes pelas suas tradições (bem provável, que, em locais onde antigos rituais pagãos eram geralmente realizados). Estima-se que, então, surgiram tais pastores da Igreja, como o posterior Santo Estanislau (Stanisław em polonês), bispo de Cracóvia, que não necessariamente se identificava com a oficial visão do estado da relação entre a Igreja e o poder real (Santo Estanislau foi assassinado por ordem do rei Boleslau, o Generoso, em 1079). Há quem possa dizer que a Igreja polonesa “fez sua lição de casa” e se tornava cada vez mais uma plataforma de entendimento entre as autoridades e a sociedade. Supomos que estava gradualmente se tornando possível “encher” certos costumes e rituais antigos nas cerimônias e costumes da Igreja polonesa. Foi talvez quando cessaram as discussões sobre as datas dos ritos pagãos e dos feriados cristãos, já que estes últimos foram finalmente ajustados às expectativas do povo. Talvez não estejamos enganados, se nessa época observamos o início de tão bizarros, se quisermos dizer do ponto de vista do Evangelho, hábitos como aspergir aveia na cabeça dos fiéis na igreja (de agora em diante apenas no dia de Santo Estêvão!), como bênção de ovos (mas

só na Páscoa!), como organizar festas nos túmulos dos mortos (mas já somente no Dia de Todos os Santos!) ou deixar comida na mesa para os espíritos dos ancestrais (somente na véspera de Natal!). Talvez fosse então que a obstinada tecelagem de ramos de salgueiro em buquês com os quais se chicotearam para obter sucesso começou a ser vista com mais gentileza, e concordou-se em tratá-los como uma memória das palmas com as quais Cristo foi saudado ao entrar em Jerusalém. Os galhos, as folhas e até os troncos de salgueiro, segundo testemunhos de arqueólogos, eram especialmente reverenciados pelos habitantes das atuais terras polonesas desde a Idade do Bronze (ou seja, cerca de 2.000 anos antes de Cristo). De qualquer forma, ainda hoje, após a bênção das “palmas” polonesas no Domingo de Ramos, compostas de galhos de salgueiro e ervas do campo (usadas no passado comumente para feitiços e remédios populares, por bruxas escondidas nas florestas), os cristãos mais corajosos não hesitam em engolir alguns “gatinhos” de salgueiro para obter uma garantia de saúde e sucesso na vida... Os bispos poloneses olhavam por entre os dedos, provavelmente semicerravam os olhos quando as cestas com a comida eram trazidas para a igreja, ou quando uma cabeça de touro com chifres ou pelo menos um ovo eram enterrados enquanto lançavam as fundações de uma nova casa, ou quando um galo negro era abatido ao lançar as fundações de um novo moinho... Eles olhavam por entre os dedos porque sabiam que esses assuntos eram importantes para os seus tutorados. E embora à noite de São João, nas aldeias inteiras ardiam fogueiras “santas”, logo após esta cerimónia, no dia seguinte, a mesma multidão enchia a igreja à espera da bênção de Cristo.

Aceitando “santificar” alguns ritos de origem pagã, a Igreja na Polónia ganhava fiéis sinceros e verdadeiros que, graças a isso, se sentiam não só «no seu lugar» na Igreja, mas simplesmente como “em casa”. É verdade que a Igreja polonesa, provavelmente até hoje, não tem nem tinha uma dimensão intelectual, mas uma dimensão simples, folclórica, e emotiva e sincera. Mas, foi mesmo esta igreja (no sentido de comunidade, não de edifício) que suportava alegremente as provas e os colapsos mais difíceis. Mais importante ainda, afinal, toda a nação orava a Cristo e a sua Mãe, embora, às vezes, possamos nos surpreender que em santuários à beira da estrada sua figura tenha

sido colocada nas cavidades de uma árvore (muitas vezes um salgueiro...), ou seja, onde estava o chamado *Licho* (espírito pagão da natureza). Assim, pouco a pouco, os desejos dos Padres da Igreja eram realizados também no cenário polonês: os desejos de se tornarem cristãos sem destruir os velhos costumes e de que Cristo reinasse nos antigos templos pagãos. Mas o mais importante, essa igreja acabou sendo extremamente atraente para os habitantes da Polônia. Os sábios da Igreja na Polônia medieval, bispos, monges (como o dominicano São Jacek †1257) começaram a ver o seu papel na vida da sociedade polonesa não apenas como mestres do Evangelho, mas também como guias na vida cotidiana difícil, especialmente, durante vários desastres ou guerras. Fornecendo abrigo, alimentando os famintos, resgatando os doentes e feridos, bem como a peregrinação comum com os exilados (ou mesmo a morte comum das mãos dos mongóis-tártaros, como aconteceu em Sandomierz em 1259), essas atividades lentamente, integravam o programa do clero polonês. Igualmente, encontramos vestígios da sua presença mais tarde, em numerosas listas de milagres (muitas vezes na forma não apenas de texto, mas também de imagens pintadas, colocadas no altar em templos, como em Piotrawin no santuário de São Estanislau), que os poloneses experimentavam como resultado de orações. Os milagres, a eficácia das orações, mas, é provável que também a mensagem do Evangelho, a própria figura de Cristo sofrendo pelas pessoas. E ainda, talvez o mais importante, a atitude do clero (muitos dos quais, a exemplo como na Idade Média, também vinham de famílias camponesas) acabaram sendo os argumentos-chave para a transição final para o lado do cristianismo. Um sinal visível dessa decisão de aceitar o cristianismo no campo medieval polonês é o motivo mais popular da arte popular polonesa, usado até hoje: figuras de Cristo (até “Cristinho”) pensativo. Apresenta a figura de Jesus, martirizado e açoitado,



Cristo pensativo (escultura contemporânea), <https://iwonicz-zdroj.pl/2017/04/04/muzeum-zbiornica-figur-chrystusa-frasobliwego/>.

esperando a cruz e chorando pelos pecados das pessoas. Este motivo, retirado da tendência religiosa do século XV “devotio moderna” (popular na Polônia, mas originário da Holanda medieval), enraizou-se tão profundamente na cultura folclórica polonesa que hoje é muitas vezes erroneamente considerado como nosso e nacional.

Como já mencionamos, essa igreja polonesa resultou ser extremamente duradoura. Quando o entusiasmo da Reforma estourou em toda a Europa, apenas uma parte da elite polonesa, ou seja, a nobreza, caiu na tentação de mudanças fáceis na Igreja. Quando o espírito reformista ocupava as igrejas paroquiais para as suas congregações, os paroquianos anteriores, pessoas simples, mudavam-se para as igrejas vizinhas ou se reuniam persistentemente para orações junto a uma cruz à beira da estrada. Assim, a Reforma na Polônia teve apenas um carácter de „elite” e simplesmente econômico, porque depois de roubar as propriedades existentes nas suas igrejas paroquiais, a nobreza „reformada” costumava regressar ao seio da Igreja Católica na geração seguinte, onde o impassível povo polonês estava esperando pacientemente por eles. Curiosamente, as invasões posteriores de suecos luteranos, prussianos protestantes e russos ortodoxos apenas fortaleciam a vontade do povo polonês de perseverar na fé católica. Uma Igreja forte na Polônia foi o resultado dum compromisso, um acordo para preservar uma parte do mundo anterior na nova realidade do cristianismo. Para usar uma analogia do mundo dos esportes, essa partida entre paganismo e cristianismo foi um empate justo, embora a vantagem com a bola ainda estivesse a favor da Igreja.

Simbolicamente, o período de rivalidade entre o “velho” e o “novo” mundo termina com a figura do diabo chamado Boruta, extremamente popular na arte popular polonesa (e não só). Todos os personagens das antigas crenças pagãs acabaram sendo reduzidos ao papel de diabos ou demônios no cristianismo, mas na Polônia podemos observar algumas características especiais. Talvez o nosso Boruta seja um demônio (afinal, ele tem chifres na cabeça e, em vez duma perna, um casco de cabra), vive em pântanos, na maioria das vezes numa cavidade de salgueiro (o motivo já é conhecido por nós), mas ele sempre usa... uma roupa de nobre. Ele parece um nobre polonês, enrola o bigode, gosta de beber na taverna e lutar por qualquer coisa, na maioria das

vezes, por sua honra. Mesmo que colecionadores de lendas poloneses do século XIX contribuísem para tecer tal personagem do demônio Boruta, isso não muda o fato de que na Polônia católica, tivemos e ainda temos “nossos próprios demônios”, domesticados e poloneses, que foi o resultado dum longo processo de fusão das culturas cristã e local, ou seja, pagã.

A cultura renascentista

Tornou-se comum chamar o período da cultura polonesa do século XVI de idade de ouro. O exemplo de desenvolvimento da cultura material e espiritual foi a corte real. A reconstrução renascentista de Wawel feita pelos arquitectos italianos¹ encomendada pelos últimos Jagelãos, o Sigismundo I e o Sigismundo Augusto, estabeleceu um modelo arquitetônico para muitas edificações seculares e sacrais. As cortes da nobreza, construídas em aldeias, tinham um caráter distinto, maioritariamente de madeira. Tornaram-se um elemento característico da paisagem e centros de vida cultural durante os séculos seguintes. Vários milhares deles foram construídos em toda a Polónia. Elas contrastavam com as primitivas cabanas camponesas, que geralmente tinham três salas: um corredor, uma sala de estar e um quarto. Foi também um bom período para o desenvolvimento das cidades, onde florescia o comércio e o artesanato. Os novos prédios públicos abrigavam autoridades municipais e instituições de ensino.

No século XVI, criou-se um traje característico da nobreza, denominado traje nacional. Neste século, surgiram os *żupans* – os vestidos abotoados, longos e ajustados à figura, que, juntamente com os posteriores *kontusz*, ou seja, um longo casaco de pano preso com botões de

¹ Trazidos da Toscana Franciszek Florentczyk e Bartolomeo Berrecci, os criadores da Capela do Sigismundo.



Vista de Cracóvia, Kleparz e Kazimierz do atlas *Civitates orbis terrarum* de Georg Braun e Frans Hogenberg de 1618. Domínio público.

corativos, tornaram-se os principais elementos deste traje nacional. *Kontusz* era um produto polonês original, sem equivalentes na moda oriental ou ocidental. Os *żupans* eram amarrados com cintos chamados de cintos de Slutsk em homenagem à maior fábrica que os produzia, localizada em Slutsk. Foram os cintos de túnica que mais expuseram as influências orientais na Polônia. O traje da nobreza era ao mesmo tempo símbolo de poder e domínio da cultura das elites. Isso é evidenciado pelo fato de ter sido assumido pelos burgueses e, em certa medida, pelos camponeses.

A disseminação da impressão gráfica desempenhou um papel enorme na cultura polonesa. Atingir um grande número de destinatários foi possível graças às gráficas instaladas em Cracóvia, que surgiram nos anos de 1473 a 1477, anteriores as de Londres ou Lisboa. Em Cracóvia, em 1513, foi publicado o primeiro livro em polonês – *Raj duszy*, traduzido por Biernat de Lublin. No total, cerca de 4 milhões de livros foram publicados neste século. Também graças a isso foi possível o desenvolvimento



S. Lubieński polski.

NOBLE POLONAIS.

Traje nacional polonês – nobre polonês, gráfico de Jan Piotr Norblin, final do século XVIII. Domínio público.



Nicolau Copérnico. Domínio público.

do ensino, quase todas as freguesias dispunham de escolas elementares. Surgiram as escolas secundárias chamadas de ginásios acadêmicos, dirigidas por comunidades católicas e evangélicas.

Ao contrário dessas tendências de desenvolvimento, a mais importante escola polonesa de aprendizado, a Academia de Cracóvia (Universidade Jaguelônica), estava em crise no século XVI. Na segunda metade do século, foram fundadas mais duas academias. Assim, em 1579, o colégio de jesuítas em Vilnius ganhou direitos universitários e, em 1594, o chanceler Jan Zamoyski estabeleceu uma academia em Zamość.

A ciência desenvolvia-se dinamicamente na Polônia, e o seu símbolo são as realizações do astrônomo Nicolau Copérnico (1473-1543), especialmente a sua obra que marcou época, *Das revoluções das esferas celestes*. O cientista polonês provou no seu conteúdo que a Terra, como outros planetas, gira em torno do Sol.

A historiografia polonesa ganhava importância, as obras de Marcin Kromer (1512-1589), Reinhold Heidenstein (1553-1620) e Maciej Strykowski (1547-1590) eram conhecidas na Europa. O pensamento político polonês também estava em alto nível, e um excelente exemplo disso foi a publicação da obra *Sobre a reparação da República*, de Andrzej Frycz Modrzewski (1503-1572) em 1551. O trabalho propôs um sistema de estado excepcionalmente inovador, em que o princípio básico é a igualdade de todos os cidadãos perante a lei.

O primeiro poeta polonês conhecido na Europa foi Klemens Janicki (1516-1543), filho de um camponês, educado na Universidade de Pédua, que ainda escrevia em latim. A florescente literatura renascentista foi ao longo do tempo dominada pela língua polonesa. Mikołaj Rej (ca. 1505 a 1569) é creditado com um papel simbólico no processo de polonização da literatura e o abandono do latim como língua da cultura. Como este mesmo escritor proclamou – *E que as nações de fora saibam que os poloneses não são gansos, que eles têm a sua própria língua*. O poeta e escritor Jan Kochanowski (1530-1584) supe-



Castelo do renascimento tardio em Baranów Sandomierski. Wikipedia, fot. Margarette na licença de Creative Commons (CC BY-SA 3.0 PL).

rou-o em fama e talento. Kochanowski é autor de epigramas, elegias, canções e um drama político intitulado *A Demissão dos Enviados Gregos*, no qual condenava o interesse próprio e pregava a ideia de lutar pelo bem da pátria (1578), o *Saltério de Davi* (1579) e os *Lamentos* (1580), obras líricas escritas após a morte da sua filha Urszula. Muitos desses artistas receberam uma educação renascentista completa. Eles estudaram nas melhores universidades do século XVI: Copérnico em Pádua, Ferrara e Bolonha, Kromer em Pádua e Bolonha, Janicki e Kochanowski em Pádua.

Nascia uma nova estética na arte e na arquitetura. O seu anúncio foi a decoração de antigos edifícios góticos com detalhes emprestados do renascimento italiano. As realizações completas de objetos no estilo renascentista ocorreram na segunda metade do século XVI e diziam respeito à construção secular: reconstruções de castelos, palácios e sobrados residenciais urbanos burgueses. Um excelente exemplo da arquitetura desse período é o castelo de Leszczyńscy em Baranów



Zamość na gravura da obra de Georg Braun e Franz Hogenberg de 1617. Domínio público.

Sandomierski, projetado por Santi Gucci (ca. 1530, ca. 1600), arquiteto e escultor florentino. Uma ideia arquitetônica também poderia se aplicar a planos urbanos inteiros, como no caso de Zamość, onde em 1580 o italiano Bernardo Morando (ca. 1540-1600) encomendado por Jan Zamoyski projetou e implementou um projeto arquitetônico e espacial da cidade.

Os jesuítas rapidamente transportaram para a Polônia objetos no estilo barroco inicial, imitando os modelos da igreja romana Il Gesù. O próprio rei Sigismundo III e os seus principais arquitetos, os suíços Jan Trevano (falecido em 1642) e Matteo Castello (ca. 1560-1632), realizaram reconstruções do Castelo Wawel e do Castelo Real de Varsóvia neste estilo na virada do século XVI e XVII. Neste último caso, usaram referências ao castelo de Felipe II que estava perto de Madrid – Eskuriel. Foi graças à corte real e à Igreja Católica que a pintura e a música se tornaram elementos permanentes de expressão de conteúdos históricos, políticos e religiosos.

A cultura do barroco e o sarmatismo²

A arte barroca teve grande sucesso na Polônia. Foram construídas as novas elevações arquitetônicas, repletas de obras de arte barrocas. Os principais patronos destes empreendimentos eram a Igreja Católica e os magnatas com rendimentos adequados, mas também a corte real.

Na segunda metade do século XVII, ocorreu o processo de identificação da Polônia com o catolicismo. Apesar disso, não houve perseguições sangrentas aos evangélicos no país, nem inquisição, nem guerras religiosas como na Europa Ocidental. A cultura barroca e sarmata favoreceu a dramatização dos fenômenos naturais e as manifestações do pensamento mágico. Todas essas novas tendências não resultaram num aumento significativo do atrito social, que na Europa do século XVII encontrou uma saída, por exemplo, em julgamentos de bruxaria. Ao contrário da Europa Ocidental, onde as fogueiras eram frequentemente ardidadas, a Polônia moderna é chamada de país sem fogueiras.

² O sarmatismo era uma forma de ideologia adotada e propagada pela nobreza polonesa do final do século XVI até à segunda metade do século XVIII. Surgiu da crença de que a nobreza polonesa veio dos sármatas – um povo antigo que inicialmente habitava a área entre a Volga baixa e o Don. O seu papel importante era sancionar a hegemonia da nobreza sobre as demais classes da sociedade polonesa.

Apesar da progressiva pauperização da sociedade e da deterioração das condições de vida, a vida na corte magnata floresceu. Os tribunais magnatas começaram a transformar as cidades em centros de cultura e política. Impressionantes com a sua riqueza e prodigalidade, os magnatas as encheram com centenas dos seus partidários, como Luís XIV na jaula dourada de Versalhes. O contraste entre os magníficos palácios dos magnatas e as esquálidas cabanas dos camponeses crescia no país. As cidades, com exceção de Gdańsk, caíam num empobrecimento cada vez maior. O comércio e o artesanato, as principais fontes de desenvolvimento dos burgueses, enfraqueciam.

Os efeitos das guerras travadas na Polônia no século XVII eram catastróficos. Como resultado da guerra, mais da metade dos prédios foram destruídos, com perdas nas cidades chegando ao 80%. O sistema educacional sofreu muito, e também declinou o nível de educação em todas as etapas, desde o ensino fundamental, passando pelo ensino médio até às universidades. A Igreja, concentrando-se na atividade caritativa entre a sociedade empobrecida, financiava a educação em menor escala. Esta situação resultou numa diminuição significativa do número de escolas paroquiais. O sistema de ensino médio continuou a ter o caráter de diversidade denominacional. A rede jesuíta de escolas secundárias continuou a funcionar, mas a Universidade de Cracóvia começou a criar a sua própria rede independente das chamadas colônias acadêmicas com o famoso Colégio Nowodworski. Os ginásios acadêmicos em Gdańsk e Toruń mantiveram um alto nível.

As formas manuscritas eram um canal frequente de comunicação cultural na Polônia no século XVII. Foi uma manifestação do encolhimento da circulação nacional e da regionalização da cultura. Muito comumente, a nobreza escrevia diários³ ou cartas⁴, bem como coleções manuscritas, denominadas silvas (do latim *silva rerum*).

³ As Memórias de Jan Chrysostom Pasek (por volta de 1636 a cerca de 1701) são amplamente conhecidas.

⁴ O rei João III Sobieski alcançou o topo desta forma nas suas cartas para a sua esposa Marysieńka.

O barroco polonês produziu vários poetas notáveis, entre eles Maciej Kazimierz Sarbiewski (de 1595 a 1640). Este professor em colégios jesuítas foi chamado de “Horácio Cristiano”. Premiado com um louro poético pelo Papa Urbano VIII, ele ganhou uma fama europeia. Na sua obra, Sarbiewski tentava vincular o legado da antiguidade ao pensamento católico. Jan Andrzej Morsztyn (por volta de 1621 a 1693), o segundo mais eminente poeta barroco polonês, depois de Sarbiewski, escrevia sobre a vida na corte. Outros autores deste período incluem Krzysztof (1609-1655) e Łukasz (1612-1662) Opaliński, bem como o épico Samuel Twardowski (antes de 1600-1661). Na segunda metade do século XVII, Waclaw Potocki (1621 a 1696) e Wespazjan Kochowski (1633 a 1700) escreviam sobre a vida idílica no campo. Cabe destacar também o poeta do chamado barroco da corte Stanisław Herakliusz Lubomirski (de 1642 a 1702). Esses artistas destacados já estão incluídos no período barroco tardio.

A imprensa surgiu na Polônia no período do barroco. Ao princípio, eram jornais escritos, enviados de forma semelhante às cartas, mas o primeiro jornal polonês em série, “Merkuriusz Polski”, publicado de 5 de maio a 22 de julho de 1661, está associado a esse período.

A Europa do século XVI experimentou a chamada revolução científica que se voltava à experimentação. Os seus efeitos eram perfeitamente visíveis na Polônia graças ao patrocínio científico da corte real, especialmente durante o reinado de Ladislau IV e João III. Além da corte de Varsóvia, os centros de pesquisa urbana se desenvolviam em Gdańsk, onde trabalhou o astrônomo Jan Heweliusz (de 1611 a 1687), e em Lviv. A historiografia ao mais alto nível europeu continuou a desenvolver-se com as obras de Szymon Starowolski (1588-1656) e Joachim Pastorius (1611-1681).

A arquitetura e a arte barroca polonesa eram impressionantes. A maioria dos objetos deste período está associada às fundações sacras, também existem numerosos palácios. As formas barrocas eram comumente dadas às edificações já existentes. Embora as construções de tijolos começassem a dominar nas cidades, uma mansão nobre tipicamente polonesa ainda era de madeira, menos frequentemente de tijolos, geralmente de um andar. Eram edificadas com porões, muitas vezes com alpendres no meio de um estabelecimento axial e simétrico,



A corte em Łopuszna. Wikipedia, fot. Paweł Grzywocz na licença de Creative Commons (CC BY-SA 2.5).

análogo a objetos renascentistas do mesmo caráter. Além disso, com alcovas nos cantos, a partir da segunda metade do século XVII, cada vez mais com telhado quebrado (os chamados telhados poloneses).

Costante Tencalla (falecido em 1646), um arquiteto real, o principal criador da coluna de Sigismundo III em Varsóvia (1644), teve uma influência significativa na arquitetura barroca na Polônia. Uma atividade arquitetônica excepcionalmente ativa foi desenvolvida pelo holandês polonizado Tylman van Gameren (ca. 1632-1706), trazido por Stanisław Herakliusz Lubomirski. Transferindo elementos de soluções holandesas, venezianas, romanas e francesas para a Polônia, ele criou inúmeras obras originais.

Um dos maiores elevações da arquitetura barroca na Europa foi o castelo Krzyżtopór erguido nos anos 1627-1644 pela família Ossoliński em Ujazd perto de Sandomierz. A impressionante fundação



O palácio em Wilanów. Wikimedia Commons CC0, fot. Przemysław Jahr.

artística do rei João III Sobieski foi o Palácio Wilanów (1677-1696), projetado por Augustyn Locci. Nesta residência aristocrática, o rei fundou uma escola de pintura e, como parte do seu funcionamento, enviava os jovens pintores ao exterior para adquirirem novas habilidades.

Um elemento importante da vida de todas as camadas da sociedade no século XVII era a música. A música folclórica ganhou uma posição alta, o rei João III Sobieski manteve um cantor especializado em cantar canções folclóricas na corte. A dança era amplamente praticada, por isso a típica polonesa nobre tinha as suas origens folclóricas, assim como a mazurca, uma dança folclórica da Mazóvia. Mais do que antes, a música tornou-se um elemento da arte barroca, do esplendor e das novas formas de religião. A primeira apresentação de ópera ocorreu por iniciativa do príncipe Ladislau em 1628. Depois de tomar o poder, o Ladislau IV ordenou a construção de uma sala de teatro no primeiro andar do castelo de Varsóvia, onde as óperas subsequentes eram encenadas. Desenvolviam-se também várias formas de teatro, embora o teatro plebeu já tivesse desaparecido.

No século XVI a Polônia florescia, a economia se fortalecia, a cultura se desenvolvia e o estado conquistava os territórios novos. Isso foi favorecido pela situação interna do país, bem como pelas condições



Korneli Szlegel: *Polonesa ao ar livre*. Domínio público.

internacionais. A força do estado era a sociedade civil, embora limitada apenas à nobreza – uma pequena porcentagem da população total. A tolerância prevalecente na Polônia, sem analogia em toda a Europa, era certamente um sucesso. O século XVII trouxe inúmeras guerras e destruição; as cidades estavam desertas, o comércio, que era a base da renda, colapsou, os territórios anteriormente conquistados caíram nas mãos do inimigo. Neste século, a Polônia foi cada vez mais dominada por um pequeno grupo de magnatas que abusavam dos seus privilégios, enquanto negavam qualquer tentativa de reformas que fortalecessem o rei. Na literatura, esse grupo é referido como uma oligarquia magnata. Esta crise revelou a falta catastrófica de uma autoridade central eficiente levando à anarquia.

Bibliografia

- Augustyniak U., *Historia Polski 1572-1795*, Warszawa 2008.
- Baczkowski K., *Dzieje Polski późnośredniowiecznej (1370-1506)*, Cracovia 2003 (Wielka Historia Polski vol. 2, parte 1).
- Bylina S., *Religijność późnego średniowiecza*, Warszawa 2009.
- Christianity in East Central Europe*, ed. J. Kłoczowski, Lublin 1999.
- Davies N., *God's Playground. A History of Poland*, Vol. 1: *The Origins to 1795*, Oxford 2005.
- Davies N., *God's Playground. A History of Poland*, Vol. 2: *1795 to the Present*, Oxford 2005.
- Davies N., *Heart of Europe. The Past in Poland's Present*, Oxford 2001.
- Deptuła Cz., *Galla Anonima mit genezy Polski*, Lublin 2000.
- Frazer J. G., *Złota gałąź (The Golden Bough)*, Warszawa 1978.
- Halecki O., *The Limits and Divisions of European History*, London – New York 1950.
- Histoire religieuse de la Pologne*, dir. J. Kłoczowski, Le Centurion [Paris] 1987.
- History of Poland* by A. Gieysztor and others, Warszawa 1979.
- Kłoczowski J., *Młodsza Europa. Europa Środkowo – Wschodnia w kręgu cywilizacji chrześcijańskiej średniowiecza*, Warszawa 1998.
- Kultura Polski średniowiecznej X-XIII w.*, red. J. Dowiat, Warszawa 1985.
- Kultura Polski średniowiecznej XIV-XV w.*, red. B. Geremek, Warszawa 1997.
- Kwiatkowski S., *Powstanie i kształtowanie się chrześcijańskiej mentalności religijnej w Polsce do końca XIII w.*, Warszawa 1980.
- Les Contacts religieux Franco-Polonais du Moyen Age a nos jours*, Paris 1985.
- Maisel W., *Archeologia prawna Polski*, Warszawa 1982.

- Mały słownik kultury dawnych Słowian*, red. L. Leciejewicz, Warszawa 1990.
- Markiewicz M., *Historia Polski, 1492-1795*, Cracovia 2004.
- Modzelewski K., *Chłopi w monarchii wczesnopiastowskiej*, Wrocław 1987.
- Modzelewski K., *Organizacja gospodarcza państwa piastowskiego*, Poznań 2000.
- Plisiecki P., *Dialog o Bolesławie Wielkim*, Lublin 2011.
- Samsonowicz H., *Złota jesień polskiego średniowiecza*, Poznań 2001.
- Stasiak A. M., *Patriotyzm w myśli konfederatów barskich*, Lublin 2005.
- Tazbir J., *Kultura szlachecka w Polsce. Rozkwit – upadek – relikty*, Poznań 1998.
- The Christian Community of Medieval Poland*, ed. J. Kłoczowski, Wrocław 1981.
- Wiśniowski E., *Parafie w średniowiecznej Polsce*, Lublin 2004.
- Wyczański A., *Polska Rzecz Pospolitą szlachecką*, Warszawa 1991.
- Wyrozumski J., *Dzieje Polski piastowskiej (VIII w. – 1370)*, Cracovia 2003 (Wielka Historia Polski vol. 1, parte 2).
- Zajączkowski A., *Szlachta polska. Kultura i struktura*, Warszawa 1993.
- Zientara B., *Henryk Brodaty i jego czasy*, Warszawa 1997.